artigo



FLAVIO LOBO
é jornalista
flaviolobo@uol.com.br

Entre João e **Marcola**

POR **FLAVIO LOBO**

Meus passos ecoavam numa Avenida Paulista fantasmagórica. Antes das 9 da noite, o cenário era de 4 da manhã. Na segunda-feira 15 de maio, o rush começara logo depois do meio-dia. Enquanto espalhavam-se notícias e boatos sobre ataques do PCC, milhões de paulistanos voltavam para casa horas antes do habitual.

No início da tarde, juntara-me ao fluxo congestionado dos cidadãos em retirada. Durante mais de uma hora percorri a Avenida Radial Leste rumo ao bairro de Artur Alvim. Quando lá cheguei, para fazer uma reportagem sobre a crise da segurança pública, encontrei um amigo, conhecido como DJ King, protagonista de primeira linha da cultura hip-hop que se dispusera a ser meu guia naquelas "quebradas".

"Como estão as coisas por aqui?", perguntei. "Queimaram um ônibus na avenida e deram uns tiros na estação do metrô aí em frente. Nada muito fora do normal. Aqui está calmo", foi a resposta de King. De fato, a pressa e a ansiedade que eu vira pouco tempo antes, nas ruas do centro, pareciam não ter alcançado o extremo leste da cidade, onde pessoas e veículos circulavam mais tranqüilamente.

Cinco horas depois, passei pela Paulista, a Alameda Santos e a Rua Augusta, em busca de algum lugar para jantar. Tentei vários restaurantes e bares. Todos fechados. Desisti. No caminho para casa, percorri cinco quarteirões silenciosos e completamente vazios.

Ainda naquela noite, li no site de notícias *Terra Magazine*, em matéria de Bob Fernandes, uma frase que Marcola, o chefe do PCC, teria dito a um delegado. "Eu posso entrar numa delegacia e matar um policial, mas um policial não pode entrar na cadeia e me matar, pois é obrigação do Estado me proteger."

Nos dias seguintes eu voltaria a ler e ouvir aquelas palavras várias vezes. Na mídia, no táxi, no consultório do dentista, o postulado de Marcola seria evocado com uma mistura de indignação e inveja por gente sequiosa por aplicar a lei do crime contra o criminoso.

Na mesma semana, um paulistano chamado João (*nome fictício*), que conheci fazendo reportagens na periferia, seguiu uma rotina estrita: do trabalho para casa, de casa para o trabalho. João é policial militar e vive na Zona Leste. Pra lá de Artur Alvim.

A FALTA DE UMA CORAGEM CIVILIZATÓRIA FAZ A CIDADANIA DAR LUGAR À BARBÁRIE, MARGINAL OU ENGRAVATADA

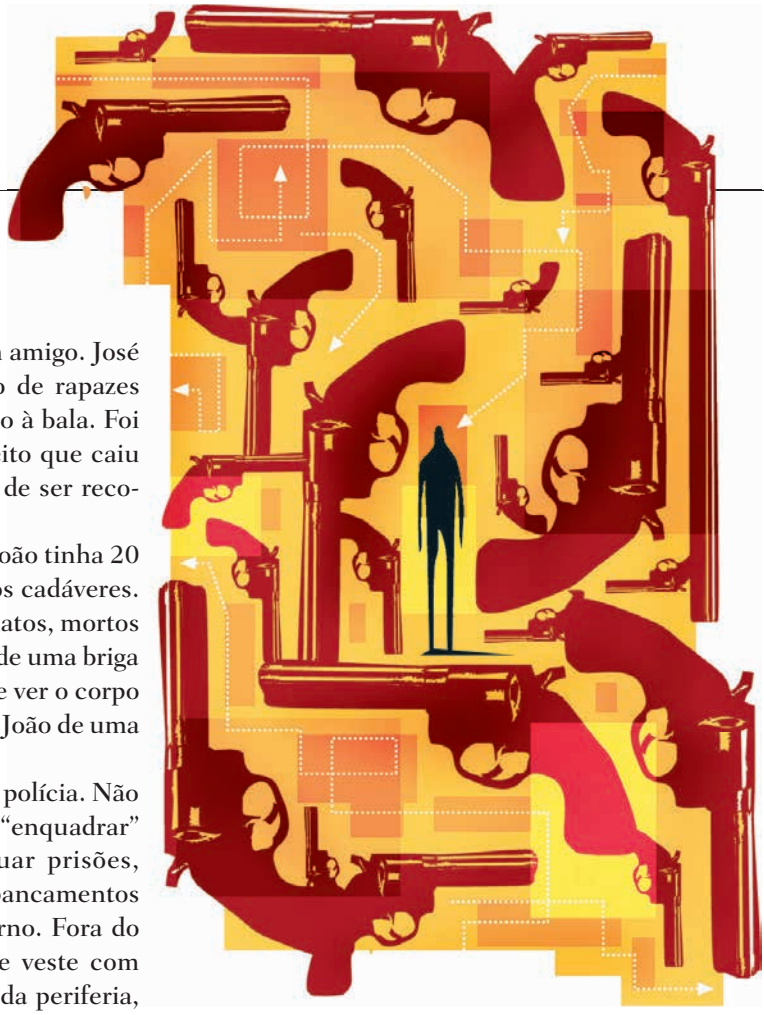
No serviço, como os demais PMs da cidade, João teve de redobrar a atenção para não se tornar mais uma vítima da onda de atentados a mando do crime organizado. À paisana, como todo jovem negro das regiões pobres da cidade, sabia que, sobretudo à noite, corria um risco crescente de virar alvo de policiais que saiam às ruas para dar o troco.

Quando o aumento da lista de mortos ficou por conta da ação dos agentes do Estado, João recomendou à família e aos amigos que não saíssem de casa. Ele conhece bem a brutalidade da guerra que, de uma hora para outra, pode atravessar o caminho de quem mora longe do centro geográfico e socioeconômico da metrópole.

Anos atrás, João encontrou o corpo de José estirado na rua. Seu irmão mais velho fora fu-



João estava na rua enquanto gente que não conhece a guerra da periferia se trancava em casa e torcia para que ele caçasse quem ameaçava a rotina do centro



zilado ao pedir clemência para um amigo. José tentara conversar com um grupo de rapazes decididos a resolver uma discussão à bala. Foi o primeiro a ser executado. Do jeito que caiu ficou por mais de 12 horas antes de ser recolhido por um carro do IML.

Quando José foi assassinado, João tinha 20 e poucos anos. Já tinha visto vários cadáveres. A maioria de jovens negros ou mulatos, mortos a tiros. Também presenciara mais de uma briga terminada em morte. Mas a dor de ver o corpo do irmão abandonado na rua tirou João de uma certa inércia diante da violência.

Logo depois João entrou para a polícia. Não usou a farda para se vingar. Ao "enquadrar" suspeitos em batidas e ao efetuar prisões, nunca foi de "zoar": nada de espancamentos ou humilhações. E nada de suborno. Fora do trabalho, João curte hip-hop e se veste com roupas largas, como seus amigos da periferia, mas não gosta da glamorização do crime que ouve em muitas letras de rap. João é respeitado na PM e na periferia.

Mais de uma vez, João viu-se no fio da navalha entre matar e morrer. Sobreviveu. Não se vangloria. Não entende as pessoas que parecem gostar de ver feridos e cadáveres na rua. Gostaria de não ter visto tanta morte. Mas, com ou sem farda, não se rende.

Na segunda-feira 15 de maio, João trabalhou normalmente. Vestiu o uniforme, semelhante ao dos mais de 40 colegas mortos naquela onda de ataques, e cumpriu o seu dever numa cidade em pânico. João estava na rua enquanto gente que não conhece a guerra sem fim da periferia se trancava em casa e torcia para que ele e seus colegas caçassem quem ameaçava a rotina do centro. Fossem criminosos ou suspeitos. Estivessem presos ou ajoelhados num beco escuro. Como boa parte dos cento e tantos mortos pela polícia nos dias que se seguiram aos atentados do PCC.

> Será que conseguimos ficar do lado dos que protegem o criminoso preso mesmo quando ele nos ameaça? Para isso, é preciso ter sede de justiça

João não executou ninguém. Ele não se deixa convencer pelos que apostam em soluções finais. Também não cai no sentimentalismo dos que clamam por paz sem se dispor a enfrentar os motivos da guerra. Como se a civilização e o Estado de Direito caíssem do céu. Ou se não houvesse, como lembrou o chefe do PCC na surpreendente obviedade da frase dita ao delegado, uma escolha anterior a ser feita.

Será que conseguimos ficar do lado dos que protegem o criminoso preso mesmo quando ele nos ameaça? Para isso não é imprescindível ter um coração dos mais compassivos nem estar disposto a dar a outra face. Para recorrer a outra metáfora bíblica, é mais importante ter sede de justiça.

Na falta desse tipo de coragem, a cidadania vai continuar a tirar o time de campo enquanto a barbárie, marginal, fardada ou engravatada, ganha terreno na periferia e no centro. E sobre João continuarão a recair todos os riscos, custos e estigmas, dos dois lados do *front*.